Anais da Faculdade de Medicina de Olinda
Annals of Olinda Medical School

afmo.emnuvens.com.br ISSN: 2674-8487 Resenha crítica

Resenha Crítica

Por:
Maria Vitória de Vasconcellos Marques[1]

[1] University of Southern California, B.A. Cinema and Media Arts. Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos da América.

Marinho D, Accioly C, Lavor E, Camelo R. As Miçangas [curta-metragem]. Brasil: Moveo Filmes / Cardume Curtas / Casa Maçã / Apoteótica Cinematográfica / Stellios Produções; 2023.

Saúde, cuidado e aborto: as práticas de saúde no filme *As miçangas*

O cinema tem a habilidade de lembrar que saúde pública nem sempre está relacionada a hospitais, consultas e exames. No Brasil, dores e males muitas vezes são remediados e tratados longe da medicina oficial ou até mesmo do bom senso médico. Em alguns casos, isso se dá por práticas supersticiosas ou culturais; em outros, porque o tratamento necessário, mesmo que urgente, não é acessível ou sequer considerado legal.

O curta-metragem *As Miçangas*, de 2023, co-dirigido por Rafaela Camelo e Emanuel Lavor, aborda esse conceito alternativo de saúde, ainda que não seja imediatamente perceptível. O premiado trabalho dos diretores brasilienses nos apresenta a duas irmãs a caminho de um sítio afastado da cidade. Elas chegam à propriedade, abrem o portão, tomam banho em um açude e levam as mochilas para dentro da casa. Tudo parece corriqueiro. Depois de arrumarem um colchão na sala, uma delas pega dois comprimidos escondidos em um saquinho de miçangas e os toma, enquanto a outra se certifica de que a primeira está hidratada, alimentada e confortável na medida do possível.

Enquanto isso, na casa antiga cercada apenas pela natureza, uma cobra intrusa rasteja sem ser percebida; um animal que provoca repulsa e tão silencioso quanto as irmãs, que quase não falam, embora se comuni-

Autor correspondente:
Maria Vitória de Vasconcellos Marques
e-mail: vvasconcellosv@gmail.com
Recebido em: 11/08/2025
Aprovado em: 02/09/2025

quem de forma intensa e constante pelo próprio silêncio. A personagem que tomou a medicação sofre, ainda não sabemos porque, e, num momento de alívio, finalmente vê a cobra, mas não se assusta. Ao contrário do esperado, a jovem segura a cobra com as próprias mãos e a devolve à natureza com delicadeza, como quem entende que, quando se é mulher, às vezes a única forma de sobreviver é fazer amizade com o que é capaz de nos assombrar.

No coração da narrativa, está um aborto. Talvez isso não fique claro de imediato, já que nem todos sabem que "miçangas" é um codinome para o misoprostol, medicamento amplamente utilizado em abortos legais e clandestinos. Essa medicação é assim chamada porque, como mostra o filme, ela é eventualmente escondida entre miçangas e bijuterias quando adquirida de forma ilegal.

Todavia *As Miçangas* não é apenas um filme sobre o ato de abortar. Não há sangue, não há dor explícita, não é visceral nesse sentido. É um filme sobre cuidado, sobre algo que, para parte da sociedade, pode parecer individual, ilegal e egoísta, mas, na prática, também pode ser um gesto de afeto, proteção e sororidade. E, muitas vezes, é exatamente isso.

Para além do tempo desacelerado dos planos, que nos permitem uma imersão na história e nos fazem esquecer que estamos sendo conduzidos, essa é uma obra que exprime grande delicadeza e constante comunhão com a natureza. Não é à toa que o filme começa com um abraço, um movimento que até parece um pouco estranho, que busca achar uma posição de conforto, mas que finalmente se encaixa. Nós, o público, reconhecemos um abraço. Talvez a sensação de cuidado e segurança que um abraço acolhedor proporciona é exatamente o que pacientes buscam quando procuram um médico. Os planos da paisagem, das árvores e até mesmo da cobra são um lembrete de que o aborto existe desde sempre, de que é ancestral como a natureza que nos cerca. Apenas a maneira como o tratamos hoje no Brasil (o tabu, a falta de informação, a draconiana ilegalidade na maior parte dos casos, os médicos que se recusam a realizar abortos legais) é moderna.

Em menos de 20 minutos, a experiência sonora e imagética de *As Miçangas* evoca algo verdadeiramente ancestral, que vem antes de hospitais, protocolos e até mesmo da formalização do ofício do médico: o cuidado. A medicina nasceu da necessidade de cuidar do outro. Ser médico não é apenas vestir um jaleco e prescrever receitas, mas exercer humanidade, exige ser humano.

Quando perguntaram à famosa antropóloga americana Margaret Mead qual momento da evolução ela considerava ser o início da civilização, esperavam que a resposta fosse a manipulação do fogo, a criação do alfabeto, a invenção da roda… Contudo, ela respondeu: "Um fêmur humano que havia sido quebrado e depois cicatrizado". Mead explicou que, no mundo animal, um fêmur quebrado costuma significar morte, pois o indivíduo não consegue fugir de predadores, caçar ou proteger-se. Um fêmur quebrado e cicatrizado é prova de que alguém cuidou para que a outra pessoa sobrevivesse. As miçangas de Rafaela Camelo e Emanuel Lavor são, nesse

sentido, o fêmur de Mead: um elo material e simbólico que preserva e transmite afeto, memória e amparo. O cuidado continua sendo o verdadeiro marco da nossa humanidade.

E, se hoje em dia isso é fácil de esquecer, *As Miçangas* é um feito audiovisual que, além de alcançar os méritos técnicos do cinema, nos recorda — de forma sensível e potente — a importância do cuidado.